

A FENDA DO BIQUÍNI E O RETRATO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO POR MARX: O DESENHO ANIMADO “BOB ESPONJA” COMO ESTRATÉGIA PARA OS ENSINOS DE HISTÓRIA E SOCIOLOGIA

Francilazaro Santos Duarte ¹
Lorenzo dos Santos Konageski ²
Ana Paula dos Santos ³

RESUMO

No Ensino de História e no Ensino de Sociologia, dos Anos Finais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, os conceitos de Karl Marx estão inseridos. Ao abordar a Revolução Industrial, a Guerra Fria, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) ou os tipos de socialismo, os conceitos marxistas podem e devem ser mobilizados. Importante reafirmar que os conteúdos de História e Sociologia no Ensino Fundamental e no Ensino Médio não visam formar historiadores, nem sociólogos, então, como podemos abordar esses conteúdos de modo que as(os) estudantes compreendam as nuances da teoria marxista e suas influências em determinados períodos históricos? Esse trabalho tem como objetivo elaborar e propor uma estratégia didático-pedagógica que auxilie as(os) estudantes a compreenderem o marxismo e suas influências históricas a partir do desenho animado “Bob Esponja”, presente na vida de muitas crianças e jovens. Nossa ideia partiu de uma observação a respeito das personagens e do funcionamento da estrutura das relações entre elas, que deflagram e representam relações de trabalho e de convivência social típicas do sistema capitalista, que se estabeleceu e se fortaleceu com a Revolução Industrial na Europa e adquiriu novas roupagens e particularidades nas Américas, em razão da colonização. Portanto, nossa proposta foi aprofundar mais nos conceitos e promover novas interpretações, à luz do Ensino de História e do Ensino de Sociologia no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, com o intuito de aperfeiçoar as estratégias que podem ser adotadas pelos(as) professores(as) para aproximar o conteúdo da vida cotidiana dos(as) estudantes. Entendemos que é necessário fomentar outras formas de ensinar para que os alunos não sejam mais tratados como um depósito de conhecimento, comum em um sistema de educação bancária, mas também façam parte de todos os momentos que envolvem a produção do conhecimento: desde a elaboração da aula até sua culminação.

Palavras-chave: Ensino de História, Ensino de Sociologia, Karl Marx, Bob Esponja, Revolução Industrial.

¹ Graduando em História pela Universidade de Brasília (UnB) – Campus Darcy Ribeiro. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4949313301667161>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8781-2024>. E-mail: francilazarosantosduarte@gmail.com;

² Graduando em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (UnB) – Campus Darcy Ribeiro. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5641611474604241>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7190-2982>. E-mail: lorenzask03@gmail.com;

³ Graduada em Sociologia (UNIJUI), Mestra em Comunicação e Sociedade (UFT) e Doutoranda em Educação na Amazônia (UFT). Coordenadora de Desenvolvimento Estratégico da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5995069445958431>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1966-5507>. E-mail: apdsantos80@gmail.com.



INTRODUÇÃO

No dia 1º de maio de 1999, estreava a série de desenho animado “SpongeBob SquarePants” (Bob Esponja Calça Quadrada, em português), escrita pelo biólogo marinho Stephen Hillenburg, nos Estados Unidos. O dia 1º de Maio também é conhecido como o Dia Internacional dos Trabalhadores e foi comemorado, pela primeira vez, em 1890, na França. A invenção do Primeiro de Maio está relacionada com o nascimento da Segunda Internacional (Perrot, 2017). O primeiro congresso foi realizado em Paris, em julho de 1889. No dia 20 de julho, votou-se pela escolha do dia 1º de Maio, uma proposta de Raymond Lavigne, militante guesdista de Bordeaux. A cada dia 1º de Maio, segundo a proposta aprovada, seria realizada uma manifestação em todos os países, para que os trabalhadores possam reivindicar aos poderes públicos a redução da jornada de trabalho para oito horas e o cumprimento com outras recomendações do Congresso Internacional de Paris. Segundo Lavigne, decisão similar foi tomada pela Federação Americana do Trabalho, em dezembro de 1888.

Para a historiadora francesa Michelle Perrot (2017), muitos são os traços surpreendentes nesta resolução. O primeiro é o ímpeto de mostrar a força do proletariado. O segundo é que o interlocutor designado é o Estado e suas instâncias. O terceiro é a referência ao precedente norte-americano. Nos Estados Unidos, o Primeiro de Maio foi inaugurado em 1886 pelos Cavaleiros do Trabalho. Naquele dia, muitos trabalhadores de Milwaukee e Chicago morreram em confronto com as forças armadas. Perrot (2017) destaca que a história sobre o primeiro Primeiro de Maio é controversa. Cada um quer ser o dono da primeira manifestação e comemoração. O papel dos guesdistas é inegável, mas de acordo com Perrot, no congresso de Londres, em novembro de 1888, o marceneiro parisiense Tortelier já defendia uma greve geral internacional. Ansele, delegado belga, propôs, naquele contexto, uma manifestação operária no primeiro domingo de maio de 1889. Entretanto, existem origens mais distantes.

Desde o começo do século XIX, e, sobretudo, a partir de 1830, os desfiles de manifestantes requerem a organização de fundos de assistência e a abertura de canteiros de aterramento. A Grande Depressão marcou, a partir de 1883, a abertura das manifestações dos “sem trabalho”. Havia, nesse contexto, uma disputa entre os anarquistas e os guesdistas, quanto às estratégias utilizadas. Para os anarquistas, era necessária expor a miséria na frente dos abastados, isto é, expor seus farrapos na frente dos ricos. Para os guesdistas, os encontros





e as reuniões privadas eram preferíveis. Esses encontros levavam moções elaboradas às câmaras municipais. Nessa conjuntura, o Estado não serve apenas para a assistência, mas para a reforma. Acerca da reivindicação das oito horas, cabe destacar que ela possui um alcance em países anglo-saxões. Na França, país com grandes jornadas de tipo rural, é um objetivo distante.

Perrot enfatiza que o Primeiro de Maio não é uma total novidade. O socialismo do século XIX preocupava-se com a necessidade de criar um ritual (Abensour, 1981 apud Perrot, 2017). O que impressiona é a ideia de dar a classe operária uma autoconsciência por meio da realização de manifestações em todo o mundo, com o objetivo de impactar a opinião pública.

Se foi coincidência ou não que o primeiro episódio do desenho animado “Bob Esponja Calça Quadrada”, que se popularizou entre crianças e adolescentes tenha sido no Dia Internacional dos Trabalhadores, não poderemos saber. O que sabemos é que as personagens do desenho animado possuem muitos paralelos com os conceitos marxistas.

Nesse sentido, o primeiro objetivo deste trabalho é realizar uma análise das personagens do desenho animado “Bob Esponja Calça Quadrada” à luz da teoria marxista, por meio de uma análise historicizada da Revolução Industrial. A ideia é que este trabalho sirva como referência e possa ser utilizado para fins didáticos-pedagógicos em aulas de História, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, e de Sociologia, no Ensino Médio, para se pensar as relações de trabalho deflagradas na Revolução Industrial.

O historiador Marc Bloch disse: “não imagino, para um escritor, elogio mais belo do que saber falar, no mesmo tom, aos doutos e aos escolares” (2002, p. 41). Partimos dessa ideia para mostrar a importância, tanto no âmbito da História, como no da Sociologia, que os professores se façam entender, tanto para os doutores, quanto para os estudantes. Entendemos que a utilização do desenho animado como estratégia didático-pedagógica para o Ensino de História e o Ensino de Sociologia é uma maneira de aproximar conteúdos complexos, como o são a Revolução Industrial e a teoria marxista, da realidade dos estudantes.

Um problema muito recorrente que está sendo discutido por professores é o desinteresse dos alunos pelas aulas. Muitas explicações podem ser dadas para isso, como as aulas expositivas extremamente enfadonhas e a falta de conexão dos alunos com os conteúdos. Cabe destacar que o ensino não precisa ser sempre interessante, mas é muito negativo que ele seja sempre tão cansativo.





Nesse sentido, destacamos a importância de recorrer às metodologias alternativas, como o uso de desenhos animados no Ensino de História e no Ensino de Sociologia, que se aproximem da realidade dos estudantes. O desenho “Bob Esponja Calça Quadrada” está presente na vida de muitos jovens e crianças, desde seu lançamento no Brasil, em 7 de fevereiro de 2000. Este trabalho possui respaldo na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018), que preconiza, no caso da disciplina de História, no 8º ano do Ensino Fundamental, o ensino acerca da “Revolução Industrial e seus impactos na produção e circulação de povos, produtos e culturas”, cuja habilidade que deve ser desenvolvida é a de “(EF08HI03) Analisar os impactos da Revolução Industrial na produção e circulação de povos, produtos e culturas” (BRASIL, 2018, p. 424-425).

No caso do Ensino Médio, na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, que engloba as disciplinas História e Sociologia, destacam-se as categorias Política e Trabalho. De acordo com a BNCC, a mediação de ações individuais e coletivas são feitas por meio do trabalho e da política.

A categoria trabalho, por sua vez, comporta diferentes dimensões – filosófica, econômica, sociológica ou histórica: como virtude; como forma de produzir riqueza, de dominar e de transformar a natureza; como mercadoria; ou como forma de alienação. Ainda é possível falar de trabalho como categoria pensada por diferentes autores: trabalho como valor (Karl Marx); como racionalidade capitalista (Max Weber); ou como elemento de interação do indivíduo na sociedade em suas dimensões tanto corporativa como de integração social (Émile Durkheim). Seja qual for o caminho ou os caminhos escolhidos para tratar do tema, é importante destacar a relação sujeito/trabalho e toda a sua rede de relações sociais (BRASIL, 2018, p. 568).

Gostaríamos de destacar, nesse contexto, a Competência Específica 4: “Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades” (BRASIL, 2018, p. 576), cujas habilidades são:

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo





ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.

(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais (BRASIL, 2018, p. 576).

Percebe-se, assim, que os conteúdos acerca da Revolução Industrial e das mudanças nas relações de trabalho estão previstos.

A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E O SURGIMENTO DO PROLETARIADO

De acordo com Bayly (2004), a industrialização ocorreu de maneira desigual no mundo, e criou novos poderes, dependências e formas de vida. As pessoas do final do século XIX perceberam uma conexão entre a industrialização e ascensão da metrópole impessoal, mas, na realidade, a industrialização inicial ocorreu no campo, tendo as “cidades fabris” se desenvolvido só mais tarde. Esses fenômenos se relacionavam em um sentido mais amplo e representavam maneiras radicalmente distintas de criar, consumir e viver comparado aos 150 anos anteriores.

As reflexões acerca da Revolução Industrial ultrapassaram a economia, atingindo também a vida social e cultural. Para Marx e Engels, a industrialização criou um tipo de ser humano, o proletário, que só tinha sua força de trabalho e mais nada em seu nome. Além disso, a primeira geração de sociólogos (como Émile Durkheim), ponderou o efeito da alienação da vida urbana nas solidariedades sociais (Bayly, 2004). Bayly também pontuou que historiadores do último terço do século XX minimizaram a importância da industrialização, e defenderam que a revolução ocorreu gradualmente.

A História também não encontrou consenso acerca da nova classe: o proletariado. Enquanto historiadores socialistas e conservadores viam o trabalhador industrial como vanguarda da mudança política, historiadores modernos dizem que as rebeliões de 1848 e a Comuna de Paris foram causadas por artesãos despossuídos e de estilo antigo. Em relatos da Revolução Russa de 1905 foram camponeses e soldados, e não trabalhadores industriais, que ocuparam o centro do palco.

De acordo com Bayly (2004), a partir dos casos russo, chinês e indiano, muitos historiadores insistem que as pequenas classes trabalhadoras industriais do século XIX eram





compostas por camponeses disfarçados e não por um proletariado urbano, portanto, suas mentalidades eram pré-industriais e agrárias. Cabe destacar que insistir que uma revolução nos meios de produção e estilos de vida se espalhou lenta e gradualmente não significa dizer que não houve revolução.

A industrialização britânica é ainda o ponto de partida para um estudo geral da industrialização. Entretanto, ela ocorreu em nível mundial, sendo multicêntrica e global, inserindo-se nas relações sociais, representando uma mudança social. A industrialização atingiu os Estados Unidos, a Alemanha, a Áustria, a Itália, a Rússia, a França e a Bélgica. Ainda, cabe destacar que o Estado teve um papel essencial na criação do empreendimento manufatureiro britânico, alemão, austríaco, italiano e russo. Fora da Europa e dos Estados Unidos, o México foi o único país latino-americano a tentar se industrializar após a independência, na década de 1820. A industrializou também chegou no Japão e na China. Já no mundo colonial, o desenvolvimento industrial foi lento, mas ocorreu. Segundo Bayly (2004), a urbanização foi outra característica do período, que resultou no aumento da população vivendo em cidades e no domínio de valores da cidade. Surgiu também uma cultura associativa, por meio da qual se uniam grupos socialmente inferiores, mulheres e a classe média (Bayly, 2004).

A expansão do comércio mundial e da industrialização gradualmente fez com que as cidades comerciais fossem as mais ricas e criou conglomerados da classe trabalhadora. Surge, nesse sentido, a sociedade moderna, dividida por classe e status. A burguesia também surgiu em várias regiões do mundo, como na Ásia costeira e em África, mesmo no mundo colonial.

Entre 1870 e 1900, a taxa de urbanização cresceu de 12% para 20% e a classe trabalhadora industrial aumentou de 15 milhões para 50 milhões (Bayly, 2004). As pessoas mais pobres eram as que mais sofriam, pois passaram a viver em moradias urbanas baratas, sem drenagem adequada e acesso à água. O desconforto da vida urbana se aprofundou com a poluição industrial, as longas horas de trabalho e a ausência de assistência médica. No mundo não europeu, a situação era pior.

Bayly (2004) lembra que a pobreza que se desenvolveu depois de 1870 preocupou a classe média e os governantes das cidades, aumentando o encarceramento e o policiamento. Eles temiam o sindicalismo. Além disso, nos Estados Unidos, a classe média baixa branca e a classe trabalhadora agiram em conjunto para criar sistemas de segregação racial contra as pessoas negras.





Conforme mostra Bayly (2004), para muitos historiadores, as insatisfações da classe trabalhadora teriam ocasionado uma política gerida por ela. Dizia-se na virada do século XX, que a consciência de classe entre o proletariado estaria crescendo. Mais recentemente, historiadores trabalhistas têm defendido que o grau de atividade da classe trabalhadora foi determinada pelas condições da vida urbana e não tanto pela consciência. Toma-se como exemplo a Revolução Russa de 1905, que não foi uma revolução de trabalhadores ou camponeses, mas uma consequência da crise entre o Estado e a sociedade nas cidades russas que encorajou os trabalhadores a lutarem por reivindicações antigas. Tal percepção vai de encontro com o que é defendido por Thompson (1987).

Thompson (1987) cita o relato de um Oficial Fiandeiro de Algodão, no qual diz que patrões e trabalhadores são duas classes distintas. Os patrões, segundo o Oficial Fiandeiro, são grupos que vêm da oficina algodoeira. Além disso, suas casas são palácios e suas famílias estão nas escolas mais caras. Os trabalhadores são homens inofensivos, mal alimentados e ensinados a trabalhar desde cedo. Ainda, permanecem fechados em sala quentes, de manhã à noite, sem intervalos (Black Dwarf, 30 de setembro de 1818 apud Thompson, 1997). Esse relato demonstra que havia uma consciência por parte dos trabalhadores. Thompson ainda demonstra que, entre 1790 e 1840, apesar de ter havido uma melhoria nos padrões materiais, houve intensificação da exploração, aumento da insegurança e aumento da miséria (1997, p. 38). Thompson também defendeu que os burgueses, assim como mostrou Bayly, tinham medo das agitações populares dos trabalhadores.

CONCEITOS MARXISTAS EM PERSPECTIVA

Em 1845/1846, Karl Marx e Friedrich Engels publicaram a obra “Ideologia Alemã”, que visava refutar críticas e mentiras sobre as formulações marxistas. A obra estabelece a base para o materialismo histórico-dialético, que busca compreender as mudanças sociais a partir das condições materiais e das relações de produção. A Revolução Industrial, por exemplo, como mencionamos, representou mudanças na sociedade a partir da industrialização e das relações de produção, culminando no surgimento de duas classes: o proletariado (trabalhadores, mão de obra, classe dominada) e a burguesia (detentora dos meios de produção, classe dominante).





O nosso foco estará, portanto, em explicar o funcionamento dessa nova sociedade capitalista, marcada pelo antagonismo de classes, suas forças e suas personagens. Uma das características do capitalismo, que surgiu por meio da Revolução Industrial, era a alienação (Marx, 2010). Havia a alienação do produto do trabalho, no qual o trabalhador não reconhece o produto que ele mesmo produz. Existe também a alienação do processo de trabalho, que se trata da falta de controle do trabalhador sobre os meios de produção. Há, ainda, a alienação de si mesmo, quando o trabalhador percebe que seu trabalho em nada mais acrescenta, pois outra pessoa poderia realizá-lo. Portanto, o trabalhador passa a ser “coisificado”. A partir disso, ocorre a alienação dos outros, isto é, a compreensão de que o outro trabalhador também pode ser substituído, o que incentiva a competição entre os trabalhadores. Cabe destacar que existem trabalhadores conscientes da alienação, assim como existem trabalhadores inconscientes.

Marx e Engels também conceituam as forças produtivas, que são, simplesmente, tudo que é necessário para produzir: máquinas, tecnologia e mão de obra (Marx; Engels, 2007). Marx e Engels também falam sobre o Lump/Lumpen que é o indivíduo vadio, que não se ocupa de uma atividade produtiva (Lumpenproletariat/Lumpemproletariado). Para os críticos do comunismo, esse sistema seria, justamente, a transferência da propriedade para a sociedade e a conversão dos indivíduos em lumpen (Marx; Engels, 2007, p. 203). Nesse sentido, na sociedade capitalista, o lumpen representaria a resistência à dominação e à exploração do trabalho.

O sistema capitalista, baseado na dominação de uma classe sobre a outra, entretanto, não era amplamente aceito. Existiam contradições: as tentativas de subversão pelos trabalhadores, que se uniam em sindicatos, mas eram, muitas vezes, reprimidos. A Revolução Industrial ocorre quando essas relações de trabalho se deflagram, gerando a alienação do trabalho, mas também uma série de revoltas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O DESENHO ANIMADO “BOB ESPONJA CALÇA QUADRADA”

Antes de tudo, é importante contextualizar. O desenho “Bob Esponja Calça Quadrada” se passa na cidade “Fenda do Biquíni”. De acordo com Previdelli (2025), na realidade, o Atol de Bikini, havia sido campo de testes nucleares dos Estados Unidos, após a Segunda Guerra





Mundial. Até hoje, a região é inabitável, por causa da radiação. O autor lembra do episódio “Morrendo por uma torta”, no qual Bob Esponja recebe um explosivo disfarçado de torta. Nesse sentido, o desenho animado pode ser considerado como uma crítica ao desenvolvimento militar e às guerras, mostrando que elas causam sérios problemas para as pessoas.

O desenho é protagonizado por Bob Esponja, que é uma esponja-do-mar, trabalhador do restaurante Siri Cascudo, onde faz os famosos hambúrgueres de siri. O protagonista mora num abacaxi e possui um animal de estimação: o caracol Gary. Além disso, Bob Esponja possui vários amigos. Um deles é o Patrick, uma estrela-do-mar. Patrick não tem nenhuma ocupação profissional específica e mora embaixo de uma pedra. Junto à Bob Esponja, elas caçam águas-vivas e assistem ao desenho “Homem Sereia e Mexilhãozinho”, os super-heróis do alto-mar. Além de Patrick, Sandy também é amiga de Bob Esponja. Ela é um esquilo que vive no alto-mar, em uma grande bola de vidro que veda a entrada de água. Ela vem do Texas (estado dos Estados Unidos) e é cientista. Bob Esponja também considera Lula Molusco, que é similar a um polvo (com tentáculos), seu amigo, ainda que não haja reciprocidade. Lula Molusco também trabalha no Siri Cascudo como caixa e toca clarinete, sendo um grande apreciador das artes marítimas.

O chefe do Siri Cascudo é o Sr. Eugene Siriguejo (união das palavras siri e caranguejo), que é um crustáceo. Seu antagonista, Plankton, quer sempre roubar a fórmula do hambúrguer de siri, para utilizar no seu restaurante, o Balde de Lixo. Ele é um copépode, da família dos crustáceos.

A FENDA DO BIQUÍNI E AS RELAÇÕES DE TRABALHO

A partir dessa breve explicação sobre o desenho, iremos explicar quais são os paralelos entre os personagens e as relações de trabalho próprias da Revolução Industrial.

Conforme mencionamos, Bob Esponja trabalha no Siri Cascudo. No entanto, não dissemos que ele ama trabalhar lá e que, muitas vezes, ele faz diversas horas-extras, sem receber por isso. Ele se esforça imensamente para ser o “funcionário do mês”, que garante um quadro com sua foto na parede, e nada mais. Portanto, ele é totalmente explorado pelo Sr. Siriguejo, que é um chefe sovina, que evita gastos para a melhoria do próprio restaurante. Por exemplo, ao invés de fazer um drive-thru corretamente, ele quebra as paredes com um



martelo, criando buracos para fazer a venda dos pedidos, o que resulta no desabamento do Siri Cascudo. Lula Molusco, por sua vez, trabalha, mas evita grandes esforços, pois ele não gosta de trabalhar e entende que o Seu Siriguejo é um grande explorador. Patrick, conforme mencionamos, não trabalha, e Sandy atua na área científica.

Figura 1. Comemoração dos 20 anos do desenho animado



Fonte: Periódico El Sol, 2019⁴

Transpondo as personagens para a teoria marxista, percebemos que Bob Esponja desempenha um trabalho alienado, no qual ele é explorado, mas não tem consciência disso e, inclusive, venera a imagem do Seu Siriguejo como um maravilhoso patrão. O tempo todo ele parece competir com Lula Molusco e consigo mesmo para ser um trabalhador exemplar. Lula Molusco não dá a mínima para a competição. Ele é um trabalhador consciente da alienação e da exploração, mas, vencido pela apatia e pelo cansaço, não se insurge contra o patrão. Ambos são pertencentes à classe trabalhadora. Por sua vez, o Seu Siriguejo é o patrão, burguês e capitalista, que detém os meios de produção e explora seus trabalhadores. Patrick é

⁴ Disponível em: <https://elsolweb.tv/nickelodeon-celebra-20-anos-de-bob-esponja-con-el-mejor-ano-de-la-historia/>. Acesso em: 20 out. 2025.

o lumpemproletário, porque ele não desenvolve atividade produtiva, o que, naquele contexto, representa uma resistência. Ele não dá dinheiro para o Seu Siriguejo nem nenhum outro patrão. Sandy, por sua vez, representa uma força produtiva, que é determinada, de maneira geral, pelo desenvolvimento científico que permite a produção. Podemos dizer que ela criou a máquina a vapor e as esteiras de produção, ou a chapa que o Bob Esponja frita os hambúrgueres. Por fim, Plankton representa a contradição do sistema, porque representava a tentativa de subverter o poder do Seu Siriguejo, sempre tentando roubar a fórmula. Cabe destacar que Plankton sempre é derrotado, o que demonstra a força das classes dominantes.

Todas essas relações estabelecidas entre as personagens configuram as relações de trabalho, de produção e de poder na sociedade capitalista industrial, a partir da Revolução Industrial, que deflagram, especialmente: a alienação do trabalho, a exploração do trabalhador e o antagonismo de classes, com a dominação de uma classe sobre a outra. O desenho animado demonstra ser uma grande ferramenta para o ensino lúdico das mudanças provocadas pela Revolução Industrial, à luz da teoria marxista. Cabe destacar que o desenho animado “Bob Esponja Calça Quadrada” pode ser utilizado também nas aulas acerca da Guerra Fria, da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) ou dos tipos de socialismo, nas quais os conceitos marxistas podem e devem ser mobilizados. Por meio do desenho, os estudantes podem enxergar a si mesmos, sua família, seus amigos e a sociedade de maneira geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se que a Revolução Industrial foi acompanhada por mudanças sociais e culturais, como o surgimento do proletariado, a urbanização e as mudanças nas relações de produção. Destaca-se, nesse sentido, a divisão de classes (trabalhadores e burgueses) e a permanente dominação da classe burguesa em relação à classe trabalhadora, que terminou por suscitar diversas agitações populares dos trabalhadores que se reuniam em sindicatos.

Também podemos compreender o potencial didático-pedagógico do desenho “Bob Esponja Calça Quadrada” acerca das relações de trabalho que surgiram a partir da Revolução Industrial, especificamente, na teorização marxista. A Fenda do Biquini é a representação das relações de produção no capitalismo.

Se Marx e Engels tivessem analisado a sociedade da Fenda do Biquini, eles teriam dito: “Trabalhadores de todo o mar, uni-vos” (Marx; Engels, 2021).





AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Profa. Fabiana Macena, professora de História no Centro de Ensino Fundamental 18 de Ceilândia, no Distrito Federal e à Profa. Patrícia Barros, professora de Sociologia no Centro de Ensino Médio 01 de São Sebastião, no Distrito Federal, pela supervisão atenta e afetuosa. As senhoras são inspirações profissionais e pessoais para nós. Agradecemos também à Profa. Dra. Edlene Oliveira Silva, do Departamento de História da Universidade de Brasília e à Profa. Daniela Félix Martins Kawabe, do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, pela oportunidade.

REFERÊNCIAS

BAYLY, C. A. Industrialization and the new city. In: BAYLY, C. A. **The birth of the modern world, 1780-1914: global connections and comparisons**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004. p. 170-198.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX; Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

PREVIDELLI, Fabio. Bob Esponja: Fenda do Bikini da vida real já foi campo de testes nucleares dos EUA. **Aventuras na História**, 26 jul. 2025. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/bob-esponja-fenda-do-bikini-da-vida-real-ja-foi-campo-de-testes-nucleares-dos-eua.phtml>. Acesso em: 19 out. 2025.

THOMPSON, E. P. Exploração. In: THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Vol. 2: A maldição de Adão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. cap. 1, p. 11-38.

